
PERCURSO DA PESQUISA CIENTÍFICA: CONTRIBUIÇÕES DE PHILIP ROTH E SUA OBRA “INDIGNAÇÃO”

Michely Calciolari De Souza(*)

Teresa Kazuko Teruya(**)

Geiva Carolina Calsa.(***)

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado dos estudos realizados sobre metodologia da pesquisa¹ dentre os quais tecemos relações entre a obra *Indignação* de Philip Roth (2009) e o caminhar da pesquisa científica. Em vista disso, objetivamos destacar momentos do percurso de um pesquisador no decorrer de sua pesquisa científica a partir de situações presentes na obra de Roth.

Indignação, publicado no ano de 2009, trata da história de Marcus Messner², um rapaz judeu, natural de Newark, Nova Jersey, que se dedica intensamente aos estudos e ao trabalho. A história se passa nos anos de 1951 e 1952, durante a Guerra da Coreia. Cansado da obsessiva proteção do pai para com ele, Marcus decide ingressar na universidade de Winesburg no estado de Ohio para cursar direito, com o intuito de se distanciar das sufocantes atitudes do pai. Na universidade ele se apaixona pela estudante Olivia, se envolve em confusões por causa dela e também por não aceitar ser contrariado. Além disso, Marcus procura fugir e se distanciar de situações e pessoas que o colocam em circunstâncias desconfortáveis. Em decorrência de diversos acontecimentos Messner é expulso da universidade e convocado para a guerra que seu pai tanto temia, e morre na batalha. As histórias narradas pelo protagonista Marcus Messner são memórias rememoradas por ele mesmo em seu leito de morte.

*Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: michely_calciolari@hotmail.com

** Professora Associada da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: tkteruya@gmail.com

*** Professora Adjunta da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: gccalsa@hotmail.com

¹ Resultado das discussões desenvolvidas na disciplina de Metodologia da Pesquisa Educacional, ministra pela professora doutora Geiva Carolina Calsa, Verônica Muller e Nerli Nonato Ribeiro Mori.

² Ao longo do texto, trataremos o protagonista tanto pelo primeiro nome Marcus, quanto pelo sobrenome Messner, pois ele é representado das duas formas na obra “Indignação”.

A PESQUISA EDUCACIONAL E A OBRA *INDIGNAÇÃO*

Antes de ingressar na Universidade de Winesburg, o protagonista Marcus cursou por menos de um ano a faculdade Robert Treat, em sua cidade. Ele trabalhava com seu pai no açougue da família todos os dias. O protagonista possuía uma relação muito próxima com o pai, “[...] Eu amava meu pai, e ele a mim, mais do que em qualquer outra época de nossa vida. Eu preparava nosso almoço na loja, o dele e o meu [...]” (ROTH, 2009, p. 15).

Contudo, essa relação de companheirismo transformou-se em uma preocupação doentia com a entrada de Marcus na universidade de sua cidade. O pai gostaria de seguir e saber de todos os passos e atitudes do filho, além de estipular horário marcado para a chegada dele em casa. Messner relata que o pai trancava todas as portas para que ele não pudesse entrar depois do horário marcado.

Sentindo-se sufocado pela a obsessão de seu pai, Marcus ingressa na universidade de Winesburg e justifica seu ato. “[...] Fui embora porque, de repente, meu pai não tinha mais confiança nem ao menos na minha capacidade de atravessar a rua sozinho” (ROTH, 2009, p. 16). O protagonista não suportou esse comportamento e procurou uma maneira de se libertar da excessiva proteção do pai.

Assim que chegou a universidade de Winesburg, Marcus dividiu um quarto com outros três estudantes judeus. No entanto, ele não gostou desse fato, pois, com a saída de casa, pretendia se afastar da cultura judaica para saber como o mundo funcionava longe dela, ideia não aceita por seus pais. Por isso Marcus se declarou ateu no momento em que ingressou na universidade. Percebemos que isso ocorreu pelo fato de que distante, os pais não poderiam controlar as atitudes e os caminhos que o filho tomaria.

O protagonista passou a trabalhar em um bar próximo à universidade nas noites de sexta-feira e sábado para completar o orçamento, já que os pais tiveram que o sustentar na nova universidade. Marcus não fazia outra coisa se não assistir as aulas, estudar no tempo livre e trabalhar. Seus colegas de quarto o incomodavam muito, certo dia ele não suporta mais os incômodos e discute com um deles. Isso foi o máximo que ele pôde suportar e então, resolveu mudar de quarto e encontrou um disponível que dividiria apenas com um universitário.

Em princípio, Marcus não encontrou problemas com o companheiro, apenas no momento em que ele ofendeu a moça com quem Marcus havia se relacionado. Ele havia se apaixonado pela jovem universitária Olivia e se irritou no momento em que seu colega ofendeu a moça. Mais uma vez ele se ofende e resolve procurar um novo local para se alojar.

Como já estava se mudando pela segunda vez, o diretor de alunos Hawes Caudwell, convidou Marcus para uma conversa. Talvez esse tenha sido um dos acontecimentos mais angustiantes do livro, pois os dois tecem um diálogo intenso, no qual o diretor busca entender o comportamento de Messner perante os colegas de quarto e com relação à família. O protagonista se irrita em diversos momentos e se sente nervoso e indignado por não compreender o motivo da conversa, visto que para ele, suas atitudes eram normais e não criminosas.

A conversa com o diretor mostrou a maneira como Marcus agia diante dos problemas que lhe eram impostos. De certa forma o diretor o fez pensar sobre suas práticas a partir das perguntas que fazia. O diretor agiu como o orientador quando nos questiona sobre o que pretendemos pesquisar, nossas problemáticas, o que objetivamos analisar, verificar ou compreender. Essa é uma forma de nos fazer refletir sobre nossos caminhos e assim, nos colocar em dúvida para repensarmos e talvez modificarmos nossos objetivos e projetos, tendo em vista o aprimoramento dos mesmos.

Essas indagações nos colocam em um processo de pensar e repensar o que buscamos. Bujes, no texto “Descaminhos” (2007, p. 17), disserta sobre isso e aponta que os conceitos com os quais trabalhamos “[...] só se tornam significativos para nós quando inseridos numa trama, quando percebidos num conjunto de relações que lhes dá sentido”.

Além disso, podemos considerar que todas as atitudes de Messner não ocorreram esporadicamente, seu histórico de vivências com a família, que envolvia uma grande proteção do pai para com ele, sua paixão pela moça da universidade, sua luta para se livrar dos colegas de quarto que o incomodavam, o fizeram agir dessa forma: o não enfrentamento dos problemas. Na pesquisa, os temas que escolhemos e vivenciamos não se constituem por si só, eles possuem um conjunto de “[...] discursos que se constituíram historicamente. E esses discursos [...], terão um efeito crucial e constituidor” (BUJES, 2007, p. 22).

Esses discursos também funcionam como verdades para nós pesquisadores e também para a sociedade. As atitudes e o discurso de Messner eram a sua verdade e ele procurava impor suas convicções em todas as situações que o incomodava. Percebemos que Marcus não admitia ser contrariado, e procurava formas de se esquivar dos desafios e problemas que encontrava. Ou seja, problematizar a forma de agir não o fez repensar e ressignificar seu modo de se portar diante das situações, porque suas convicções eram a única verdade. Ele se retirou da sala do diretor indignado e passou mal por isso.

Essa maneira de reagir diante dos desafios pode ser relacionada com os escritos de Gatti (1999, p. 10) sobre os procedimentos metodológicos na pesquisa educacional. A autora enfatiza que

o método de pesquisa não consiste em algo pronto que o pesquisador deve seguir de maneira rígida, ele se mostra no decorrer da pesquisa, no desenrolar dos problemas que são encontrados, por isso não é algo fixo, “[...] não é apenas uma questão de receita de rotina de passos e etapas, de receita, mas de vivência [...]”. Marcus também utiliza o mesmo método para superar o problema que lhe é imposto em todas as circunstâncias.

Reforçando as afirmações de Gatti, Wortmann (2005, p. 46) aponta que os Estudos Culturais não trabalham com métodos e teorias fechadas, mas caminham em diferentes maneiras de pesquisar, desde que as escolhas do pesquisador respondam seu problema de pesquisa. Assim como Gatti (1999), apontou sobre o fato de não enrijecer a metodologia, os Estudos Culturais,

[...] buscam transitar em “zonas fronteiriças” percorridas com o auxílio de métodos que tais autores qualificam de transgressores e intervencionistas, por serem buscados em outros campos disciplinares, sendo assim, os Estudos Culturais valem-se de procedimentos e de metodologias que não lhes são próprios ou particulares, mas dos quais se apropriam em determinadas circunstâncias e em função de propósitos específicos.

Nos Estudos Culturais, a metodologia não pertence necessariamente a uma teoria, ela deve ser pensada e utilizada conforme o processo da pesquisa (WORTMANN, 2005). Teoria e método não estão interligados diretamente. Isso colabora para o processo da pesquisa, pois o percurso pode exigir a mudança da metodologia utilizada e, em determinadas teorias, o pesquisador não possui a liberdade de mudar o método empregado no estudo.

Bujes (2007, p. 30) descreve como “liberdade” o fato de não determinar o caminho a percorrer desde o início da pesquisa. Isso permite ao pesquisador, conhecer diversos caminhos, a autora argumenta que teve a oportunidade de pensar e repensar seus passos, selecionar diversas ferramentas, “[...] já que não tinha compromissos como uma metodologia preestabelecida, com estratégias ossificadas, com um trajeto fechado. Portanto, esse foi um caminho inventado, de ensaios [...]”.

Os caminhos escolhidos durante a pesquisa nem sempre são os melhores, mas nos fazem crescer como pesquisador e buscar novos rumos. A autora assinala que os caminhos, certos ou não, nos fazem crescer e funcionam como desafios para fazermos novas escolhas, “[...] desbravar, engendrar, buscar armas novas” (BUJES, 2007, p. 30). Voltamos ao comportamento de Marcus Messner, que não se permite encontrar novas maneiras de agir diante das situações que o incomodam. A maneira de pensar do protagonista não permite esse processo de busca de novos caminhos, novos conhecimentos de que a autora trata, sua metodologia é rígida.

Um pouco mais adiante na obra, Messner precisa ser levado ao hospital e seu apêndice é retirado. A primeira visita que ele recebe é de sua amada Olivia. Marcus se surpreende com a chegada de Olivia e se sente feliz por isso. Os dois conversam por um longo período, Messner conta sobre a vida dele, a relação com os pais, o cotidiano de trabalho no açougue. Já Olivia, quando questionada sobre sua família, evita responder perguntas de Marcus e muda de assunto.

Após Marcus conversar com os pais por telefone, sua mãe resolve o visitar e as notícias que ela levou ao filho não eram boas. A mãe de Marcus dizia que o pai só havia piorado desde o dia em que ele se mudou para o estado de Ohio. Passou a tratar todos como loucos, vizinhos, fregueses e até mesmo a própria esposa. Isso faz com que a mãe de Marcus queira se divorciar do marido.

Neste momento Marcus faz uma reflexão sobre a família que ele tinha e o divórcio acarretaria em um desarranjo familiar que ele não aceitaria. “[...] Era uma vez uma família admirável, bem organizada e trabalhadora, irradiando unidade... e agora ele tinha medo de tudo e ela estava desesperada de dor [...].” (ROTH, 2009, p. 112).

Podemos tecer relação com a estabilidade e a desestabilidade que enfrentamos com a pesquisa em vários momentos de seu desenvolvimento e os medos que isso nos causa, como na escolha do objeto de pesquisa, do problema e da hipótese. Ainda assim, mesmo com todas essas etapas definidas, o pesquisador encontra outras tantas dificuldades ao longo de seu trabalho e a partir dessa instabilidade, pode vir a repensá-lo São confrontos de ideias com as quais o pesquisador se depara.

[...] nada é neutro, o que pode nos levar a admitir que tudo na pesquisa é opinião do próprio pesquisador e não fruto de uma depuração séria à luz de uma dada perspectiva, de uma teorização, ou dos confrontos de valores pesquisador-pesquisando (GATTI, 1999, p. 9).

Nesse sentido, as opiniões podem se modificar, não só as do orientando, mas também do orientador. A pesquisa não se constitui de uma teoria ou método que não é passível de transformações, justamente pela sua não neutralidade, como afirma Gatti (1999). No caso de Marcus, ele não aceita a decisão da mãe e pede para que ela fique ao lado de seu pai, que aceita o pedido do filho e desiste da separação. Isso indica que o rapaz não deseja mudar de opinião mesmo com todo o discurso da mãe sobre as atitudes do pai, para ele, seu ponto de vista é o correto e sua mãe deve entender isso e permanecer casada com o pai.

Lopes (2007) apresenta um dos obstáculos epistemológicos na “Filosofia do Não” de Gaston Bachelard. Esse item trata da compreensão de que as pesquisas não devem ser a continuação de ideias de autores anteriores, mas sim a busca por novas respostas. O autor enfatiza que a ruptura entre o que já existe e o novo, não deve ser compreendida de maneira negativa, mas um modo de

“[...] reordenar, de ir além de seus pressupostos, por introduzir uma nova racionalidade” (idem, p. 49).

Podemos relacionar essa compreensão da “Filosofia do Não” com a atitude de Messner sobre o casamento dos pais. Ele não admite a descontinuidade, o fim do relacionamento. Para ele, essa ruptura não significa a melhora de vida da mãe, que se sente cansada e indignada com as atitudes do pai. Para o protagonista o novo é entendido de maneira negativa e por isso, não traria benefícios à família. A mãe de Marcus decide então dar continuidade ao casamento, mesmo com todas as dificuldades.

Dias após Messner ter retornado a universidade, ocorreu um protesto dos alunos, que invadiram os dormitórios femininos, destruindo o que viam pela frente em busca de peças íntimas do guarda-roupa feminino.

[...] uma animada batalha de bolas estava sendo conduzida por dezenas de rapazes hiperativos e felizes [...]. Passada uma hora, estavam atirando uns contra os outros não apenas bolas de neve, mas também latas de cerveja [...]. Nos quartos das garotas, dezenas de rapazes bêbados [...]. (ROTH, 2009, p. 148-149)

A polícia foi chamada para conter os garotos que participavam da confusão. Em seguida, o presidente da universidade de Winesburg, Albion Lentz, conversou com os alunos, por meio de uma palestra transmitida no auditório, sobre o que havia acontecido anteriormente. “[...] O que devo fazer com meninos como vocês? Onde estão os adultos entre vocês?” (ROTH, 2009, p. 159).

Por fim, depois de todas as lembranças relatadas, o protagonista volta ao presente, na guerra da Coreia, já sem consciência e sob o efeito da morfina, essas foram suas últimas memórias. “[...] Seringa após seringa de morfina injetada no braço do soldado raso Messner o haviam feito mergulhar num prolongado estado de profunda inconsciência” (ROTH, 2009, p. 163).

Após sua morte, os pais de Messner foram avisados e a dor abateu a família. O pai não se conformava com a morte do filho, por todos os cuidados que teve com o garoto, “[...] Eu o avisei para tomar cuidado. Ele nunca me ouviu. [...] Nosso menino se foi. Eu estava certo, Marcus, eu vi a coisa vindo – e agora você se foi para sempre! Não posso aguentar isso” (ROTH, 2009, p. 165). Ele não suportou a dor da morte do filho e morreu meses depois. A mãe de Marcus vivera por muitos anos com a dor da perda de um filho e do marido.

As escolhas erradas e as atitudes impulsivas de Marcus Messner o levaram para a guerra antes mesmo de completar vinte anos de idade e se formar no curso de direito da universidade de Winesburg. O livro termina com uma frase que resume o que o pai do protagonista procurou ensinar

ao filho a vida toda: “[...] a forma terrível e incompreensível pela qual nossas escolhas mais banais, fortuitas e até cômicas conduzem a resultados tão desproporcionais.” (ROTH, 2009, p. 167).

Se pensarmos na perspectiva da pesquisa educacional, talvez nossas escolhas não nos levem a resultados tão catastróficos, mas sim a novas maneiras de enxergar a pesquisa, a realidade. Veiga-Neto no texto “Olhares” (2002, p. 33), aponta para o fato de que “[...] Não há um porto seguro, onde possamos ancorar nossa perspectiva de análise, para, a partir dali, conhecer a realidade”. E, além disso, todas as nossas ações e escolhas devem ser questionadas e repensadas, o que não ocorria com Marcus, pois não questionava suas atitudes e as tinha como corretas, como um “porto seguro”.

Veiga-Neto (1996) assinala que na visão pós-moderna, nosso olhar constitui o que vemos no mundo e esse olhar, cria nossos anseios, problemas e dúvidas. Nós criamos o que visualizamos. No caso de Messner, vários dos problemas que o incomodavam eram criados por ele mesmo, não se deixando modificar pelo meio ou por novas situações e novas formas de agir. A conspiração define o problema do protagonista, essa era a maneira como ele encarava o modo como as pessoas agiam perante ele.

Lopes (2007, p. 35) assinala com base na “Filosofia da Desilusão” – outro obstáculo epistemológico – de Bachelard, que “cada um é a expressão [...] do constante e descontínuo processo de retificação que o espírito sofre no decorrer da existência. O que se sabe é fruto da desilusão com aquilo que se julgava saber”. Messner não se desligava de seus problemas e conseqüentemente, não se desprendia das situações e não aceitava novas opiniões.

Ainda nas palavras do autor, “O que dizemos sobre as coisas nem são as próprias coisas [...], nem são uma representação das coisas [...], ao falarmos sobre as coisas, nós as construímos.” (VEIGA-NETO, 1999, p. 31). A realidade é formada pela verdade de cada um, que não é absoluta, cada sujeito dá um significado à realidade. Messner não considerava que existiam outras verdades, outros pontos de vista. Apenas suas convicções eram corretas e verdadeiras, a perspectiva do diretor, dos colegas de quarto, dos pais e da própria Olívia, não faziam sentido para Marcus, nas palavras do autor da obra, não eram consideradas verdades.

O discurso do protagonista sobre a realidade não correspondia a um dos pontos de vista, mas sim a visão absolutamente correta dos acontecimentos. Ao contrário disso, Veiga-Neto (1999, p. 32) argumenta que existem representações “[...] em que cada um se coloca e a partir da qual cada um traz, a si e aos outros, o que ele entende por mundo real”.

Marcus colocava suas representações de mundo como reais, mais do que isso, como absolutas e não mais uma visão dentre tantas outras, ele não se permitia compreender o que o outro pensa. Na conversa com o diretor de alunos, podemos observar em um trecho, como Marcus considerava o ponto de vista do outro sempre errôneo, “Sentei-me e, dessa vez, por iniciativa própria bebi uma boa porção de água. Aquilo agora estava se transformando em algo maior do que eu era capaz de suportar, mas como capitular se ele estava errado e eu tinha a razão?” (ROTH, 2009, p. 78).

No item que se segue, apontaremos algumas reflexões acerca do trajeto da pesquisa educacional com base nos autores já citados (BUJES, 2007; VEIGA-NETO, 1996; FISCHER, 2005; GATTI, 1999) e em outros, (QUIROGA, 1989).

O TRAJETO DA PESQUISA EDUCACIONAL: INDIGNAÇÕES, APRENDIZAGEM E AMADURECIMENTO

Fischer (2005) nos faz pensar sobre nossa relação com nosso objeto de pesquisa e como nos relacionamos com os autores para dialogar com esse objeto. Essa relação faz com que nos apropriemos de conceitos, reflexões e ideias que os autores nos trazem, que nos dão base para a construção de nossa escrita, nossas reflexões.

A autora nos alerta sobre a reprodução das mesmas ideias dos autores que nos dão base. Precisamos “[...] diante dos livros, das palavras de alguns autores, dizer, escrever, pensar sobre – aquilo que ali nos seduz, que nos faz vibrar, que nos encoraja a uma certa audácia de pensamento [...], sobre o tema de pesquisa.” (FISCHER, 2005, p. 122).

A autora ainda enfatiza que,

[...] a leitura e a escrita acadêmica precisariam, talvez, ter um pouco o caráter de experiência, de modo que nós, escreventes e leitores, pudéssemos nessa aventura fazer o exercício de pensar, estar simultaneamente dentro e fora de nós mesmos, de viver efetivamente experiências, no sentido de que as coisas que vivemos e produzimos nos abram ao que não somos nós mesmos, vivendo algo que é ao mesmo tempo atividade e passividade. (FISCHER, 2009, p. 127)

Por meio das obras e de nossos referências devemos pensar sobre nossos objetivos, nosso problema de pesquisa, pensar sobre nossas inquietações e não somente reproduzir ideias já elaboradas. Isso não significa que não devemos abordar reflexões de outros autores, cabe-nos ir além (FISCHER, 2005).

E ainda mais, o pesquisador não deve considerar seu referencial teórico como a verdade absoluta, mas sim como uma possibilidade de explicar determinados fenômenos. Nesse sentido, percebemos que Marcus Messner não considerava outras formas de pensar, pois suas convicções eram verdades incontestáveis, por esse motivo, entrou em confronto com os colegas, com o pai, com o diretor e não aceitou a decisão da mãe. Messner não aceitava as verdades do outro, o ponto de vista do outro. Isso acontece quando, conforme Gatti (1999) nos encastelamos em verdades absolutas e cristalizadas.

Nesse sentido, com base nos estudos de Bachelard, Lopes (2007, p. 34) afirma que a ciência produz uma verdade e não existem meios de se julgar uma verdade dita ou escrita. Existem, portanto verdades, que são escritas a partir de perspectivas distintas. “[...] Cada ciência produz sua verdade e organiza os critérios de análise da verdade de um conhecimento [...]. As verdades são sempre provisórias”.

Em sua teoria, Bachelard argumenta que o conhecimento é ilusório porque os novos conhecimentos desiludem o pesquisador, ou seja, desorganiza o conhecimento anterior (LOPES, 2007). O protagonista do livro “Indignação” não suportava se desiludir, no momento do diálogo com o diretor, percebemos que ele não admitiu a verdade/conhecimento do outro.

Podemos relacionar o modo como Marcus enfrenta a vida com um conceito que o texto de Quiroga (1989) traz. A autora disserta sobre as obras de diversos autores, tomamos como base o capítulo que trata do trabalho de Enrique Pichon-Riviere. Com base na obra, nossas relações são consequências dos grupos aos quais pertencemos que, nos fazem reagir diante de outras pessoas ou situações de diversas formas.

No caso do protagonista do livro, o grupo ou os grupos ao/s qual/is pertencia – judeu, universitário –, fez ou fizeram com que ele reagisse de maneira contrária. Na relação familiar, não aceitava o judaísmo e na universidade, vivia e agia de modo diferente dos outros universitários. “[...] o habitat e o contexto social e vincular no qual o sujeito está inserido determinam a subjetividade, os conteúdos psíquicos” (QUIROGA, 1989, p. 18).

O autor estudado por Quiroga (idem) trata de alguns sentimentos humanos, como ansiedade e obstáculos e argumenta que,

Por que falamos de ansiedades e de obstáculos? Porque o processo de aprendizagem, enquanto transformação do sujeito e da realidade, não se dá sem contradições. Por quê? Porque este processo de mudança implica uma desestruturação situacional do prévio, do possuído e conhecido e uma nova estruturação. Isto pode determinar [...] vivências de perda, desinstrumentação e ataque. Surge uma contradição entre o velho e o novo, entre necessidades

de distintos sinais, as que nos impulsionam à mudança e as que nos impelem a conservar as estruturas prévias – e isto pode dar lugar a uma contradição entre um projeto e uma resistência a esse projeto. (QUIROGA, 1989, p. 25)

Lembramos nesse ponto os escritos de Gatti (1999) e Bujes (2007), que tratam da relação do pesquisador com o método. Ao longo do processo de pesquisa podemos estruturar, desestruturar e reestruturar muitos conceitos, assim como o processo de aprendizagem. Cabe ao pesquisador insistir em um método, como forma de resistência ou procurar resignificar conceitos e sua metodologia de pesquisa. Esse processo é o “motor” que nos faz mudar ou permanecer com nossas convicções.

Diante das situações e dos problemas, Messner procurava atacar a nova realidade ou resistia às transformações. O protagonista não aceitava mudar seus projetos ou repensá-los, em todas as situações ele defendia seu ponto de vista sem dar espaço para novas experiências. Podemos exemplificar isso por meio da conversa com o diretor, que tentou levar Marcus a refletir sobre suas ações ou o diálogo com a mãe, sobre o divórcio, ele não aceitou o fato da mãe querer se separar do pai. Nas duas situações ele resistiu à possibilidade de mudança.

Buscamos apontar alguns acontecimentos da obra “Indignação” de Philip Roth (2009), para relacionar com nossos projetos de pesquisa e com o caminho que percorremos desde a escolha da temática, o desenvolvimento dos estudos, metodologias e a finalização da pesquisa.

As atitudes do protagonista Marcus Messner nos fazem pensar em como a não aceitação de outra maneira de pensar – seja uma teoria, um ponto de vista ou uma crença – pode interferir nos acontecimentos de nossas vidas, como é o caso da elaboração de uma pesquisa. Dúvidas e dificuldades aparecerão e cabe ao pesquisador refletir acerca de suas escolhas e repensá-las correndo o risco de ter de modificá-las. E, como vimos com os autores, isso não indica um retrocesso, mas sim um crescimento para o pesquisador e para a sua pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra literária *Indignação* possibilitou nossa reflexão acerca do processo que o pesquisador vivência ao longo de uma pesquisa. A partir da relação que buscamos estabelecer com autores que tratam do caminho metodológico de uma pesquisa, foi possível estabelecer pontos de convergência entre as experiências do protagonista da obra, Marcus Messner e as dificuldades, desafios e descobertas que encontramos em uma pesquisa.

Percebemos que o comportamento de Marcus indica obstáculo epistemológico e resistência ao novo e ao diferente – ideias, pessoas ou situações. Em vista disso, procura se esquivar de todas as situações difíceis que lhe são colocadas, pois compreende que tudo e todos conspiram contra ele. Quando relacionamos as atitudes de Marcus com o processo de pesquisa, verificamos que o método de aprendizagem que Messner usa para superar os problemas é rígido e cristalizado. Marcus não repensava suas ações e seu comportamento, o que o levou a consequências dramáticas, ele não aceitava a desestabilidade, algo que faz parte das vivências humanas e também da pesquisa.

Contrariamente ao comportamento de Marcus, a pesquisa pode consistir em um caminho de crescimento, pelo qual encontramos dificuldades, dúvidas, indignações que nos fazem amadurecer pessoal e academicamente. A obra de Phillip Roth nos mostrou o quanto a inflexibilidade, a não aceitação de erros e a falta de reflexão das próprias escolhas, são prejudiciais para a formação dos sujeitos e a construção de uma pesquisa. Há que se ter em mente a importância do processo que permeia o pesquisar e não somente o produto final – dissertação, tese, monografia, artigo. Processo esse que ensina o que se deve ou não fazer, que caminho seguir e quais mudanças fazer.

REFERÊNCIAS

- BUJES, Maria I. E. Descaminhos. In: COSTA, Marisa V; BUJES, Maria I. E. (Org.). **Caminhos Investigativos II** - outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação. 2 ed. Rio de Janeiro (RJ): Lamparina Editora, 2007. p. 11-33.
- FISCHER, Rosa M. B. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In: COSTA, Marisa V; BUJES, Maria I. E. (Org.). **Caminhos investigativos III**: Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro (RJ): DP&A, 2005. p. 117-140.
- GATTI, Bernardete. A. **Algumas considerações sobre procedimentos metodológicos nas pesquisas educacionais**. Eccos Revista Científica, São Paulo, SP, 1999.
- GUIMARÃES, J. C. **Indignação de Philip Roth**. Disponível em: <<http://www.revistabula.com/170-indignacao-de-philip-roth/http://www.revistabula.com/170-indignacao-de-philip-roth/>>. Acesso em: jun. 2014.
- LOPES, Alice C. Bachelard: O filósofo da Desilusão. In.: LOPES, Alice C. **Currículo e epistemologia**. Ijuí: Ed. Ijuí, 2007. p. 27-56.
- _____. Contribuições de Gaston Bachelard ao Ensino de Ciências. In.: _____. **Currículo e epistemologia**. Ijuí: Ed. Ijuí, 2007. p. 57-73.
- QUIROGA, Ana P. Revisão histórica: A trajetória dos autores e de suas obras. In.: _____. **O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Rivière**. Petrópolis: Vozes, 1989. p. 15-26.
- ROTH, Philip. **Indignação**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares. In: COSTA, Marisa V; BUJES, Maria I. E. (Org). **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 1996, v. , p. 23-38.
- WORTMANN, Maria L. C.. In: Dos riscos e dos ganhos de transitar nas fronteiras dos saberes. In.: COSTA, Marisa V; BUJES, Maria I. E. (Org.). **Caminhos investigativos III**: Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 45-66.

RESUMO

Ao longo do desenvolvimento de uma pesquisa científica o pesquisador depara-se com inúmeras dúvidas, incertezas e problemas que envolvem um determinado tema. Objetivamos com este artigo apresentar reflexões acerca do processo de pesquisa, tecendo relações com uma obra literária, com vistas a perceber como os acontecimentos da literatura escolhida relacionam-se com a pesquisa. Nosso referencial teórico metodológico é baseado em autores que tratam da metodologia de pesquisa educacional de um ponto de vista pós-moderno. As conclusões indicam que "o fazer pesquisa" é envolto por diversos momentos de incertezas que dão suporte para o desenvolvimento dos estudos e por fim, resulta em esclarecimentos e/ou novas pretensões.

Palavras-chave: Pesquisa científica. Metodologia. Educação.

PATHWAY OF SCIENTIFIC RESEARCH: PHILIP ROTH'S CONTRIBUTIONS AND HIS WORK "INDIGNATION"

ABSTRACT

Throughout the development of a scientific research the researcher faces countless doubts, uncertainties and problems which concern to a particular topic. We aim with this article to present a few reflections about the research process by weaving relations with a literary work, in order to understand how the events of the chosen literature relates with the research. Our theoretical methodological referential is based in authors who treat the methodology of educational research in a postmodern point of view. The conclusions suggest that "do search" is wrapped for many moments of uncertainty which support the development of studies and finally, results in elucidation and/or new claims.

Keywords: Scientific research. Methodology. Education.

Submetido em: novembro de 2014
Aprovado em: abril de 2015